



EDITORIAL

Ao ensejo do ANO INTERNACIONAL DA PESSOA DEFICIENTE parece oportuno refletir sobre o posicionamento dos enfermeiros frente às suas necessidades, posicionamento este expresso através do desempenho profissional. Questiona-se se o quanto que fazemos e ensinamos atualmente sobre a assistência de enfermagem à pessoa deficiente será motivo para nos orgulharmos nos próximos anos.

Faz-se mister reconhecer que até esta data nossos ensinamentos, e conseqüente atuação no cuidado ao deficiente, parecem ser insuficientes. Desconhecemos se isto ocorre por arrocho curricular, acomodação, falta de solidariedade ou outros motivos que, se analisados, servirão de ponto de partida para novas decisões.

Este ANO INTERNACIONAL DA PESSOA DEFICIENTE deve dar-nos ânimo e meios para nos reposicionarmos frente ao deficiente como pessoa e o quanto ele recebe de assistência de enfermagem. Pela própria evolução da nossa profissão, seu conceito e o de saúde, precisamos compreendê-lo e transferir este entendimento para uma ação, despertando em nós e em nossos alunos, um interesse para a promoção de saúde do deficiente e do processo de sua habilitação e/ou reabilitação para torná-lo o mais cedo possível ajustado e feliz no seu contexto familiar e social.

O mais importante, portanto, é começar ou ampliar as iniciativas já tomadas para a sua assistência, somar-nos a eles nas reivindicações de respeito aos seus direitos e pertencermos ao rol dos decididos em diminuir suas perspectivas sombrias de auto-realização.

O. R. E.